

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM E NA RELAÇÃO ENTRE PRECEPTOR – RESIDENTE – ESTUDANTE

Luana Aline Amélia de Aguiar¹
Maria da Conceição Almeida Ferreira²

RESUMO

Este trabalho enfatiza a importância de desenvolver as habilidades socioemocionais em sala de aula, levando em consideração os estudos realizados por Vygotsky (2001), Tassoni (2000), Castro (2016), Veiga (2011), Freire (1996) que destacam a necessidade de aprofundar a relação professor-aluno para além dos conteúdos estabelecidos, associando a teoria dos autores à prática dos futuros professores (residentes) e a relação professor/aluno no período de 18 meses de desenvolvimento de atividades de observação e intervenção, com a participação de 5 residentes em uma escola técnica de tempo integral. Trabalhamos a definição de afetividade e as vantagens de exercê-la no âmbito educativo. Objetivou-se compreender que a sensibilidade é fundamental no trato com adolescentes e o ambiente educativo afetivo promove a confiabilidade, o engajamento, o bem-estar emocional que se tornam uma mola propulsora para um bom rendimento. Também foi levado em consideração a afetividade na relação preceptor - residente com sendo algo fundamental para a construção e a colaboração na formação desses futuros professores de língua espanhola, não trazendo traumas, mas desenvolvendo a segurança e a liberdade emocional que um docente necessita para exercer suas funções de forma satisfatória.

Palavras-chave: afetividade, aprendizado, habilidade socioemocional.

INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba e financiado pela Capes, é uma grande e excepcional oportunidade para formar professores dentro da realidade que vão viver ao se tornarem profissionais da educação, tendo a oportunidade de vivenciar experiências reais e realidades distintas no período de dezoito meses de atividades.

Favorecendo e ampliando o aprendizado não só dos universitários, mas também dos professores que estão na escola, que atuam como preceptores, como é o meu caso, que estou tendo o privilégio de estar no programa pela segunda vez, recebendo universitários para aprendermos juntos por perspectivas diferentes e pontos de vista diversos. Eu e mais cinco residentes, estudando, planejando, dando aula, elaborando e criando material, para crescimento dos nossos alunos.

Ser preceptora é uma grande responsabilidade e uma oportunidade de aprendizado e colaboração com a formação de futuros professores, dentre as diversas responsabilidades estão



¹ Preceptora da Escola-campo, graduada pelo Curso de Letras- Espanhol da Universidade Estadual – PB, luana-aguiar22@outlook.com;

² Coordenadora e orientadora do sub-projeto Letras/Espanhol, Mestre em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba – PB, conchitaalmeida@servidor.uepb.edu.br

elas: Controlar a frequência dos residentes nas atividades e aulas da escola-campo; avaliar o residente e sempre que solicitado emitir um relatório sobre o desempenho; reunir-se periodicamente com os residentes, para planejamento, orientação e compartilhamento de experiências; articular-se com a gestão da escola e outros docentes visando criar na escola-campo um grupo colaborativo de preceptoría e socialização de conhecimentos e experiências; participar das atividades propostas pela Capes; participar das formações junto aos residentes, dentre outras.

Todas essas funções são primordiais, porque nos fazem desenvolver também habilidades que muitas vezes no dia a dia docente e nas muitas atribuições como professor, acabamos deixando a desejar e não temos oportunidade para estar em constante formação. Desta forma, o Programa e a Capes nos proporcionam, nesse momento dentro do próprio vínculo empregatício, termos um crescimento profissional aprendendo e nos atualizando nos mais diversos assuntos acadêmicos e docentes.

O programa foi dividido em 3 módulos, sendo o primeiro de formação continuada (palestras, estudo, leituras), o segundo, de intervenção na escola campo, e o terceiro, minicursos para complementar a carga-horária, e ainda encontros com professores universitários para estudo e formação.

A residência pedagógica é uma iniciativa que embeleza e engrandece nossa prática, como professora há 8 anos, sempre prezei por bons relacionamentos nos meus círculos de convivência, não tenho uma visão que o professor precisa ser ríspido e insensível as necessidades emocionais dos alunos, ele precisar ser firme, constante e estável em seus posicionamentos, para que os alunos não confundam as coisas. Sempre procurei trabalhar isso em mim, mas enquanto universitária não me recordo de questões pontuais sobre esse tema tão humano.

A afetividade nem sempre foi um tema abordado na formação de professores, nem levado em consideração nas instituições de ensino, por ser visto como algo não tão necessário para a formação tradicional dos alunos. Esse é um assunto muito atual. Falando diretamente do nosso Estado e da minha realidade nas escolas locais, a partir o ano de 2016 passamos a ter um novo modelo de escola, a chamada Escola Cidadã Integral, onde passou a ser ofertado a disciplina de Projeto de Vida, que se relaciona diretamente com competências socioemocionais, já em 2018 tivemos a implementação da BNCC, com modificações e atualizações para o ensino médio, com 3 competências gerais dentre as 10, voltadas para o âmbito do autoconhecimento e cuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania, o que me fez refletir ainda mais e trazer para minha prática como professora de língua espanhola grande parte do aprendizado

dessa disciplina que passei a lecionar até os dias de hoje (2024), percebendo claramente a gigantesca diferença no aprendizado dos estudantes, na mudança de minhas próprias atitudes comportamentais e afetivas em sala de aula.

Os objetivos principais desse tema desenvolvido durante a residência pedagógica foram: perceber a importância de uma boa relação em sala de aula no desenvolvimento do adolescente; fazer com que as aulas se tornem mais prazerosas e agradáveis, que o aluno queira estar naquele lugar; deseje aprender uma segunda língua, não de forma impositiva, mas de forma aprazível, exultante; relacionar-se com o residente de forma amigável, demonstrando uma cumplicidade e um apoio necessário no seu dia a dia como professor em formação, pois me oponho fortemente a uma relação mecânica, superficial e sem interação afetiva, porque além de profissionais em desenvolvimento, destinados a exercermos um papel específico, somos seres humanos e precisamos nos sentir seguros e felizes para exercermos um trabalho significativo na vida de outros seres; compreender e considerar as emoções e sentimentos dos estudantes em sala de aula.

Como apoio referencial teremos: Vygotsky (2001), Tassoni (2000), Castro (2016), Veiga (2011), Freire (1996) contribuindo com a forma que entendemos o processo de ensino-aprendizado no âmbito emocional, no desenvolvimento psicológico do aluno, no desenvolvimento humano que é enraizado na interação social, na consideração das necessidades afetivas individuais e na importância da boa relação entre os pares.

METODOLOGIA

Todo o desenvolvimento das atividades da Residência Pedagógica se deu na escola campo – José Leite de Souza, integral e de ensino técnico, durante o final de 2022 (outubro) e todo o ano de 2023, na cidade Monteiro, Paraíba. Cada residente esteve observando minhas aulas nas turmas da primeira série do ensino médio durante o primeiro bimestre, procurando criar um vínculo com os estudantes, os conhecendo, interagindo e observando, para posteriormente iniciarem sua prática, porque analisamos e refletimos que seria necessário o primeiro contato de conhecimento da turma, levando em consideração todo o processo de formação que tivemos anteriormente de palestras e autores que falam sobre o tema da importância de acompanhar os estudantes desde o princípio e não somente jogar conteúdos, como por exemplo, a professora Dalila Gomes – UEPB Campus VI, que falou sobre a importância dos fatores afetivos no processo da relação professor-aluno em sala de aula e .que

os primeiros contatos são primordiais para que o aluno se sinta seguro e confie no educador/residente, ajudando assim durante todo o processo.

Para Henri Wallon (1986a [1954], p. 288) a afetividade ocupa lugar central para a formação da pessoa e a construção do conhecimento, partindo do pressuposto de que as emoções também oportunizam os vínculos entre os indivíduos. Em Wallon a emoção é capaz de realizar transições, é compreendida como o ponto de partida do psiquismo com raízes na vida orgânica e é sempre influenciada pelo meio social, cultural e ainda, pelo biológico. (CASTRO, 2017, p.99).

Após um período de observação, cada residente esteve diretamente exercendo suas atribuições e funções em uma turma específica, durante todo o período letivo, com a minha presença e supervisão. Desde os primeiros momentos acordamos que seriam realizadas reuniões semanais para planejamento das aulas, com a presença de todos, às sextas-feiras pela manhã, e a tarde reuniões de formação e aprofundamento, junto a coordenadora do subprojeto Conceição e os convidados.

Procurei colocar em prática algumas estratégias para que cada residente em sua singularidade e características próprias se sentissem parte da escola e principalmente bem junto a toda a equipe e alunos envolvidos, com a realização de acolhimentos, frases motivacionais, músicas, conversas individuais via rede social, conversas presenciais sobre pontos específicos da prática, sugestões, reuniões com mimos e lanches. A cada encontro tínhamos um momento de externar, diante dos demais, como cada um se sentiu naquela semana, como reagiu em algumas situações de sala de aula, como achavam que tinha se saído, se atingiu os objetivos propostos.

Sempre busquei que eles estivessem sendo formados para lecionar e, além disso, que entendessem que lidam com muitas emoções e sentimentos dos outros, mas que eles mesmos precisavam se sentir à vontade, cuidar da mente deles, estar bem consigo mesmo, apoiar uns aos outros.

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. Por outras palavras, o novo momento que as emoções inserem no comportamento consiste inteiramente na regulação das reações pelo organismo (Vygotsky, 2001, p. 139).

Uma profissão que lida com muitas pessoas deve ser exercida com humor, alegria para que se torne algo gratificante e satisfatório. Não estamos falando que não existe percalços e dificuldades, dias difíceis, ausência de material, isso há em toda carreira. O foco é que, quando se faz de forma emocionalmente positiva, se torna mais duradouro e eficaz.

Vygotsky (2001) afirma que o professor deve preocupar-se em relacionar o novo conhecimento com a emoção, caso contrário o saber torna-se morto. Diante disso, cada um passou a desenvolver sua própria metodologia e interação em sala, junto aos alunos, desenvolvendo atividades dinâmicas, lúdicas, os conteúdos do livro didático, materiais criados por eles, cinco residentes e cada um com uma personalidade e sua maneira de ser completamente diferente, proporcionando uma troca na construção do conhecimento em sala de aula.

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais. As relações entre as professoras e alunos apresentados nesta pesquisa, evidenciaram a expressão da afetividade como parte ativa do processo de aprendizagem. As interações em sala de aula são carregadas de sentimentos e emoções constituindo-se como trocas afetivas (Tassoni, 2000, p. 150).

No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. Um significado bem pontual no que se refere a individualidade de cada residente, porque espera-se muitas vezes que professores da mesma disciplina tenham hábitos iguais ou bem semelhantes em relação a exposição do conteúdo e sua metodologia, quando na verdade mesmo um residente sendo mais tímido do que outro, não quer dizer que ele não terá ou desenvolverá afeto, por seus estudantes, existem maneiras distintas de demonstrar e externar isso em sala de aula.

Vygotsky (2001, p. 455) fala da relação do estudante com o professor relacionado à afetividade em que “[...] o mestre deve viver na comunidade escolar como parte inalienável dela e, nesse sentido, as suas relações com o aluno podem atingir tal força, transparência e elevação que não encontrarão nada igual na escola social das relações humanas”. Isso deixa explícito o quando esse ponto fortalece e eleva as relações de ensino-aprendizagem.

A assimilação do conteúdo de língua estrangeira se torna mais proveitosa e o entendimento passa a ser mais prático, porque o aluno sente que está num espaço que é compreendido e a vergonha diminui porque sente mais liberdade, a barreira distante (professor-aluno) que para muitos é enorme, passa a ser um detalhe.

Tassoni (2000) buscou evidenciar aspectos afetivos na interação em sala de aula, analisando a postura do professor e os seus conteúdos verbais e concluiu que os aspectos afetivos estão presentes na dinâmica da sala de aula e influenciam diretamente o processo ensino-aprendizagem. Para esta autora a mediação do (a) professor (a) é fundamental para determinar a relação do aluno com o conteúdo ensinado. Mas não podemos confundir relações

afetivas em sala de aula com invasão de privacidade, desrespeito, falta de imposição na sala de aula. Deve-se haver limites claros e cumprimento de regras de convivência, assim como, regras gerais, estabelecidas pela gestão escolar. O estudante está em desenvolvimento, numa transição da infância para a adolescência, muitas vezes ele pode não identificar um gesto de cortesia e atenção e cuidado pessoal como sendo algo profissional e com limites, fazendo assim interpretações equivocadas e querendo ter atitudes de “amizades excessivas” ou “libertinagem”.

Podemos perceber algumas situações pontuais durante esse processo, como por exemplo, um residente tímido, que não começou bem a princípio, por falta dessa proximidade com os envolvidos no processo, por medo do desconhecido, ficou estampado que quando o residente se aproximou, trouxe atividades mais interativas, os estudantes reagiram e ele se sentiu mais achegado, começou a se expressar melhor, a sentir mais segurança na sua prática e foi mais acolhido pelos alunos, partiu dele a mudança.

Um residente que foi rejeitado a princípio pelos estudantes, por falta de interação, denominado como um professor chato e indiferente, os alunos me procuraram e externaram suas inquietações, um grupinho específico não queria assistir às aulas, pela mudança de professor, claramente eu podia perceber (comparando a prática dos outros e a minha) que o universitário não desenvolvia nenhuma interação a não ser, chegar e iniciar seu conteúdo, negava qualquer tipo de entrosamento. Não comuniquei ao residente os adjetivos negativos ditos pelos alunos, mas conversei sobre a necessidade de mais diálogo, de um acolhimento no início da aula, de atenção a justificativas, falas, dúvidas ou perguntas dos estudantes e etc., após algumas semanas a situação foi sendo ajustada e a aceitação passou a acontecer de forma natural, sem cobranças e imposições, a ponto do residente faltar e eles não acharem nada bom.

Um residente que deu atenção demais a afetividade e a proximidade cresceu demais a ponto de atrapalhar as aulas, isso foi muito negativo, porque se houver muita liberdade, sem o limite estabelecido, o professor perde seu controle e as coisas fogem do eixo. Mas também foi conversado em reunião semanal e individualmente que isso não poderia acontecer, toda situação precisa ter demarcação. E mais uma vez foi alinhado e resolvido.

Um residente que em alguns momentos foi muito insensível e descortês com os alunos, chegando até ao ponto de alguns pais dos alunos entrarem em contato comigo para questionar algumas falas ditas pelo residente, isso me causou um pouco de vergonha e constrangimento, mas foi resolvido junto a coordenadora do programa em uma conversa muito amigável, onde foram expressados os “porquês” e os “lados” da história. Foi resolvido junto a turma a partir de uma conversa, de uma explicação minha sem a presença do residente para não haver constrangimento e coação para ambas as partes e após com o residente para haver uma resolução

amigável e não interferir no prosseguir das aulas, na aprendizagem dos alunos e na atuação do residente. Se fosse deixado de lado, sem uma intervenção, sem atenção, sem sensibilidade, influenciaria de forma negativa para as partes envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou expor de forma concisa a importância da afetividade em sala de aula, como parte fundamentadora da formação do adolescente, levando em conta seus aspectos pessoais, emocionais e humanos, que influenciam no âmbito cognitivo.

A relação professor – residente – aluno se dar de forma satisfatória quando os envolvidos sentem que há respeito mútuo e confiança (não o medo), que o residente pode contar com o preceptor nesse processo tão importante de sua formação superior e que o aluno pode contar com ambos, convivendo em alinhamento e parceria diária.

Sem um bom relacionamento interativo e afetivo, nossa prática corre um grande risco, profissionais robôs, sem empatia, sem sensibilidade, todos somos seres que temos essa estrutura emocional desde os primeiros meses de vida e precisamos desenvolvê-la e o ambiente escolar é um lugar indicado para que essa troca seja realizada, partindo desse ponto também podemos subtender que as dificuldades, contratempos e inconvenientes podem ser superadas de maneiras mais fáceis e leves quando em sala de aula os responsáveis estão melhor preparados no que se refere a isso.

A residência ajuda e se torna primordial na vida acadêmica, pois durante o processo o indivíduo já terá uma base de como é a realidade entre as paredes de uma escola, a teoria é uma, o contato propriamente dito é bem diferente, e em muitos casos tudo muda a partir de como você lida com situações humanas cotidianas, sempre vão ocorrer coisas desgastantes, mas como o profissional reage vai dizer muito sobre como ele quer prosseguir, de forma agradável ou insuportável.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CASTRO, Gleicy Miranda. **Emoção e afetividade. Arte e Educação, um estudo de caso.** Universidade Federal de Goiás. Dissertação de Mestrado. 2017.



TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23., 2000, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPEd, 2000.

Disponível em: < <http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso40/conteudo8232.PDF>>
Acesso em: 10 out. 2013

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henry. **A psicologia genética**. Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa.

Site utilizado : [Significado de Afetividade \(O que é, Conceito e Definição\) - Enciclopédia Significados](#)

